

# A herança de “Experiência operária, consciência de classe e psicologia do trabalho” e a ergonomia<sup>1</sup>

Francisco de Paula Antunes Lima<sup>2</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil)

A publicação da edição brasileira da obra “Experiência operária, consciência de classe e psicologia do trabalho”, de Ivar Oddone, Alessandra Re e Gianni Briante, pode ser a ocasião para uma apropriação de importantes contribuições do Modelo Operário aos pesquisadores brasileiros que se interessam pelo trabalho e pelo desenvolvimento de comunidades científicas ampliadas. A releitura de Experiência operária é feita, aqui, na perspectiva da ergonomia – uma das disciplinas que o Modelo Operário procura se apropriar e superar – e evidencia pontos que podem ser considerados ultrapassados pelo desenvolvimento atual da disciplina, pontos que podem ser objeto de debates ainda vivos e contribuições duradouras que a tornam, mais que um clássico e testemunho de uma época, uma obra ainda atual, após quase meio século de sua publicação. Questões como a relação entre experiência do trabalho e ciência do trabalho e a construção de uma comunidade científica ampliada multidisciplinar ainda encontram nessa obra interessantes proposições para lidar com dificuldades e problemas ainda não superados.

Palavras-chave: Oddone, Modelo operário, Experiência, Ergonomia, Trabalho.

The heritage of “Experiência operária, consciência de classe e psicologia” do trabalho and ergonomics

The publication of the Brazilian edition of the book “Workers” experience, class consciousness and work psychology” by Ivar Oddone, Alessandra Re and Gianni Briante could be the occasion for the appropriation of important contributions from the Workers' Model to Brazilian researchers who are interested in work and development of expanded scientific communities. The reinterpretation of Workers' Experience is done here from the perspective of ergonomics, one of the disciplines that the Workers' Model seeks to appropriate and overcome. It highlights points that can be considered outdated by the current development of the discipline, points that can be the subject of still lively debates and lasting contributions that make it, more than a classic and testimony of an era, a work that is still contemporary, almost half a century after its publication. Issues such as the relationship between work experience and work science and the construction of an expanded multidisciplinary scientific community still find interesting proposals in this work to deal with difficulties and problems that have not yet been overcome.

Keywords: Oddone, Workers' model, Experience, Ergonomics, Work.

---

<sup>1</sup> Artigo desenvolvido a partir do trabalho apresentado na mesa-redonda “Clínica da atividade, ergologia e ergonomia: uma tradução de Ivar Oddone”, ocorrida em 18 de outubro de 2023 no Instituto de Psicologia da USP, durante o V Colóquio Internacional de Clínica da Atividade: Práticas de Intervenção, Análise e Transformação do Trabalho (CICA). O objetivo da mesa-redonda foi debater o livro *Experiência operária, consciência de classe e psicologia do trabalho* (Fabrefactum), por ocasião do lançamento de sua tradução para o português brasileiro.

<sup>2</sup> <https://orcid.org/0000-0003-4373-6424>

## Introdução

Enquanto ergonomista, eu gostaria de tecer alguns comentários sobre com o que o livro de Oddone, Re e Briante<sup>3</sup> contribuiu para essa disciplina e em que aspectos a obra se mantém atual. A importância desse livro é reforçada pelo modo como outra obra, amplamente divulgada no Brasil, *Ambiente de trabalho*<sup>4</sup>, acabou por ser apropriada na forma de mapa de riscos. Voltarei a discutir a institucionalização do Mapa de Riscos à luz da obra *Experiência operária*, que aprofunda teoricamente a primeira, de natureza mais instrumental, em diversos conceitos centrais.

Reeditar livros publicados há décadas (a 1ª edição italiana é de 1977) sempre enseja a questão do interesse de obras clássicas, que têm um inegável valor como registro histórico, seja do estado da ciência produzida na época ou do momento histórico-social em que foram escritas. Várias obras, no entanto, conseguem ultrapassar os limites de seu momento histórico e nos servir ainda como inspiração e instrumento de trabalho efetivos para lidar com as questões do presente. Nesse sentido, atribuir-lhes o rótulo de “obra clássica” é um elogio traiçoeiro.

Antes de discutir *Experiência operária*, é útil fazer uma contextualização de ordem mais geral. Nos anos 1970, diversas disciplinas e abordagens do trabalho se refizeram ou se constituíram a partir da crítica à “organização científica do trabalho” (OCT) e aos modelos de organização do trabalho e dos sistemas produtivos denominados de tayloristas-fordistas, refletindo contestações sociais que se acumulavam desde os anos 1960. Os trabalhos de Oddone e seus colegas fazem parte, assim, de um movimento histórico amplo, o que não retira sua originalidade, ao contrário, acentua sua contribuição específica em relação à articulação entre lutas sociais e produção de conhecimento, eixo central dessa abordagem de pesquisa-intervenção. Enquanto ergonomista, vou me limitar aqui a comentar suas relações com a Ergonomia da Atividade, que se desenvolvia ao mesmo tempo nos países de língua francesa. Mas devem ser lembradas contribuições importantes para o desenvolvimento da Ergologia e da Clínica da Atividade, que reivindicam diretamente a herança do reconhecimento da experiência operária como base de novos dispositivos e métodos de produção de conhecimento em uma comunidade científica ampliada.

Sempre na perspectiva da ergonomia, serão comentados três pontos: (i) o que foi superado com o desenvolvimento da disciplina desde os anos 1970; (ii) alguns pontos criticáveis mesmo no contexto em que o modelo operário surgiu; (iii) o que permanece atual, que torna a obra mais do que um livro clássico.

---

<sup>3</sup> Oddone, I., Re, A., & Briante, G. (2023). *Experiência operária, consciência de classe e psicologia do trabalho*. Belo Horizonte: Fabrefactum. Traduzido a partir da 2ª ed., 2008, 1ª ed. italiana de 1977.

<sup>4</sup> Oddone, I., Marri, G., Gloria, S., Briante, G., Chiattella, M., & Re, A. *Ambiente de trabalho: a luta dos trabalhadores pela saúde*. Hucitec. Apresentada por David Capistrano Filho em 1986. Recentemente, em 2020, foi publicada a 2ª edição revista e ampliada.

## O que foi superado

*Experiência operária* é uma obra construída apoiando-se, crítica e positivamente, em modelos adotados pela ergonomia dos anos 1950, que hoje estão relativamente superados. Trato de dois pontos que são mais centrais na obra: (i) a crítica ao modelo biomecânico do homem e (ii) a proposição do modelo TOTE e do plano para descrever a experiência.

Enquanto formalização de uma abordagem multidisciplinar, *Experiência operária* confronta e procura superar diversas disciplinas que lidam com o trabalho e com a saúde dos trabalhadores. Evidentemente, os autores avaliaram criticamente as concepções dominantes nos anos 1950-1970, em especial a ergonomia anglo-saxônica que se desenvolvia no pós-guerra. Naquele momento, predominava ainda uma concepção puramente fisiológica do homem no trabalho ou do homem como um sistema de tratamento de informação, quando se amplia o modelo aos elementos dos sistemas homens-máquinas automatizadas. Os autores estão, assim, corretos ao criticar essa ergonomia tradicional do homem-máquina ou de sua forma atualizada da ergonomia informacional dos sistemas homens-máquinas, críticas que se desenvolvem, como dito acima, na mesma época pelos fundadores da ergonomia da atividade em diferentes laboratórios franceses e belgas – podem ser lembrados, além de Ombredane e Faverge, precursores da ergonomia (Ombredane & Faverge, 1955), Alain Wisner, Pierre Cazamian, Jacques Leplat, Maurice de Montmollin, Antoine Laville. Nada mais fácil, portanto, que criticar a obra de Oddone e colegas por ser construída sobre a crítica de uma ergonomia que já estava ultrapassada e atribuir-lhe um *status* de livro datado, restringindo sua pertinência aos anos 1970. Todavia, além da ergonomia do homem-máquina ainda ser uma das principais correntes atuais, talvez a que predomine em termos quantitativos, o que torna a crítica ainda viva e atual, nem todas as contribuições críticas e positivas foram incorporadas pela ergonomia da atividade. Assim, *Experiência operária* continua a ser uma importante fonte de inspiração para a ergonomia mesmo em seus desenvolvimentos mais recentes. Veremos isso na mais adiante. Por ora, nos atenhamos às críticas formuladas por Oddone e seus colegas à ergonomia que se desenvolve no pós-guerra, cujos autores se colocam na mesma linhagem de Taylor, que atinge também boa parte da ergonomia contemporânea, a qual ainda adota uma concepção fisiológica da máquina humana:

os próprios textos de ergonomia, como no caso de Chapanis, remetem aos Gilbreth, “o primeiro exemplo verdadeiro” de estudo ergonômico (...) a imagem do homem que trabalha proposta, de forma implícita ou explícita, pela ergonomia é ainda essencialmente de tipo antropométrico e fisiológico (Oddone et al., 2023, p. 246).

Mesmo quando o trabalho se torna menos físico e passa exigir percepção de sinais, tratamento de informações e tomada de decisões, os modelos ergonômicos são limitados em relação ao que é o trabalho real e a experiência dos trabalhadores, ainda que incorporem variáveis cognitivas:

Da imagem neurofisiológica derivada do modelo taylorista se passa à imagem do sistema homem-autômato, portanto, ao estudo do aspecto cognitivo, que é analisado, mediando os critérios da informática, como sistema de comunicação. A consideração do sistema homem-máquina-ambiente se desenvolve de forma coerente: de uma consideração

restrita do ambiente físico de trabalho a uma consideração expandida como sistema de sinais entre o homem, a máquina e o ambiente (p. 247).

Donde a avaliação crítica decisiva:

Em que medida o modelo de aprendizagem do ergônomo permite hoje uma real possibilidade de conhecimento da fábrica e da relação homem-fábrica? Trata-se de um problema fundamental, no momento em que o objetivo da ergonomia é a elaboração de técnicas estatísticas e probabilísticas capazes de fornecer uma projeção de *modelos analíticos* do operador, para ser utilizado com a finalidade de previsão do comportamento humano num completo sistema de controle. No primeiro modelo interpretativo usado pela ergonomia, ou seja, no esquema SR (estímulo-reposta), a possibilidade de previsão é mínima, dada a inadequação de tal esquema de interpretação do comportamento (p. 248).

Nesse ponto é que Oddone e colegas se apoiam no que desponta como a ciência do comportamento humano mais avançada na época, para propor, positivamente, uma concepção dos processos cognitivos presentes na experiência dos trabalhadores, a obra de Miller, Galanter e Pribram, *Plans and structure of behavior*, de 1960, considerada um dos principais marcos na ciência da cognição que se construía em reação ao behaviorismo que havia dominado a psicologia durante meio século. Também aqui, Oddone se beneficia e acompanha outra tendência que estava nos ares do tempo e incorpora como modelo de análise da experiência o modelo TOTE (*Test, Operate, Test, Exit*), que se contrapõe aos esquemas S-R do behaviorismo, e o modelo geral da cognição humana como atividade teleológica baseada em um plano. Também, aqui, pode-se dizer que esses modelos, demasiadamente cognitivistas, foram superados pelas abordagens situadas e enativas (autopoiéticas) da cognição humana, crítica que pode ser aceita, mas, veremos mais tarde, sem prejuízo maior do que existe de duradouro na obra de Oddone e colegas. Ainda permanece insuperada a crítica a uma concepção demasiadamente restritiva do homem:

Também a ergonomia (adaptação do trabalho ao homem), em sua acepção mais avançada de engenharia humana e/ou psicológica, prescinde da ideia de que o operário tem uma história pessoal e de classe, estuda o trabalhador como se estuda um animal superior no laboratório, um ser sem nenhum papel determinante na organização do trabalho (e, muito menos, na história) (2023, p. 35).

Assim, mesmo considerando que o modelo TOTE e o plano estejam superados, permanece válida essa crítica do operador humano dentro dos sistemas de produção que não incorporam a globalidade das relações sociais, algo que a ergonomia sempre reconhece conceitualmente, mas não encontra modelos de análise e de intervenção coerentes<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Oddone et al. incluem, *en passant*, Cazamian no rol dos ergonomistas dos sistemas homens-máquina, juízo que, para se fazer justiça, merecia ser revisto quando se conhece mais esse autor que lhes era contemporâneo. Para um balanço recente da real amplitude da obra de Cazamian, que define a ergonomia como sendo “o estudo científico do trabalho humano alienado” (Cazamian, 1974, p. 7), ver o dossiê *Penser le travail dans une écologie humaine*, organizado por Nadia Heddad, na revista *@cviités*, 19-2, 2022. Também nesse caso, a abordagem global proposta em *Experiência operária* pode contribuir à ecologia humana proposta por Cazamian.

## Pontos criticáveis

Sempre da perspectiva da ergonomia, algumas afirmações de *Experiência operária* podem ser objeto de discussão. Destacamos quatro: (i) a afirmação de que a mente do trabalhador na organização taylorista fica vazia e livre para desenvolver pensamentos de ordem superior; (ii) a relação entre a experiência imediata e a consciência de classe; (iii) a possibilidade de reapropriação do “modelo taylorista”, inclusive das técnicas de MTM, como ponto de partida de uma nova organização do trabalho e (iv) a relação entre *experts* científicos e os trabalhadores como *experts* do trabalho (entre especialistas do trabalho e suas ciências e a experiência e o saber operário).

Baseando-se em Gramsci, Oddone e companhia adotam o modelo da mente alheia ao trabalho nas tarefas monótonas e repetitivas, proposição que continua a ser acolhida por algumas disciplinas mais atuais. A frase de Gramsci é a seguinte:

Somente o gesto físico é completamente mecanizado. A memória do ofício, que foi reduzido a gestos simples, repetidos em ritmo intenso, “abrigou-se” nos feixes musculares e nervosos e deixou o cérebro livre e acessível para outras atividades (Gramsci, citado por Oddone et al., 2023, p. 260).

De fato, é certo que uma característica do taylorismo e do fordismo é o princípio de separação estrita entre o trabalho de concepção, o planejamento da tarefa, e sua execução. No entanto, essa separação não institui uma barreira real, constituindo-se mais em um princípio ideológico que justifica e sacraliza a separação de funções e a divisão social do trabalho, questionada em toda a extensão de *Experiência operária*. Por que, então, permanece esse modelo da mente vazia? O que está em jogo é a natureza da atividade cognitiva presente no trabalho repetitivo. O paradoxal nessas situações, como bem demonstram inúmeras pesquisas em ergonomia, é que o trabalho não tem um conteúdo que exija a atenção e outras capacidades cognitivas do trabalhador durante todo o tempo, mas ainda assim exige sua atenção e mesmo criatividade para lidar com as variabilidades que eventualmente perturbam seu trabalho. Dessa forma, mesmo se a maior parte do tempo são os automatismos corporais que atuam no trabalho repetitivo, sem os quais o trabalhador não consegue desenvolver o ritmo necessário para seguir a cadência da linha de montagem, a atividade não se esgota neles. Os jogos funcionais (Clot, 2006) explicam por que, mesmo quando a mente não é solicitada, o trabalhador não pode deixar de estar “presente” e disponível para corrigir seus movimentos, antecipar disfunções ou se adaptar a variabilidades imprevistas. Estar subjetivamente disponível quando a atividade não te solicita exige esforço e astúcia do trabalhador, tanto quanto para resolver os problemas que se apresentam. Por isso, nas atividades repetitivas e monótonas, a mente nunca está inteiramente livre para se dedicar a outras atividades ou devaneios. Oddone et al. têm razão ao afirmar que “seu pensamento será aplicado, em primeiro lugar, na identificação dos problemas, em meio aos quais deverá fazer uma pesquisa para identificar os mais importantes, e depois encontrar as soluções mais adequadas a esses problemas emergentes” (p. 260), mas isso não acontece de forma plena, como se a mente atuasse livremente na resolução de problemas, enquanto o corpo age de forma automática. Na verdade, a atenção está voltada a encontrar soluções para os problemas que se apresentam no fazer imediato e encontrar formas mais fáceis de realizar o trabalho.

Acreditar que o trabalho pode ser realizado de forma automática, seria dar demasiado crédito à organização científica do trabalho. O que é mostrado pelas análises mais atuais dos gestos, movimentos e automatismos é uma imbricação complexa entre corpo e mente durante a atividade, que se articulam de forma subconsciente na experiência imediata, apenas posteriormente podendo ser objeto de reflexão em outros momentos<sup>6</sup>.

Outro ponto que merece discussão é a reapropriação pela empresa da experiência ou, pelo menos, dos saberes operatórios e das soluções práticas dos problemas resolvidos pelos trabalhadores. De modo geral, não se pode traçar uma linha direta entre a experiência imediata dos trabalhadores na solução prática dos problemas que enfrentam no dia a dia da produção e a transformação social radical. Certamente, um dos maiores méritos de *Experiência operária* é ter reconhecido a experiência direta dos trabalhadores como ponto de partida de qualquer transformação social, indo contra a doutrinação descendente do partido e do sindicato. No entanto, o caminho inverso, ascender da experiência imediata, cotidiana, à compreensão dos problemas sociais e à definição de ações de transformação não se dá em um processo por aproximações sucessivas como os autores afirmam em diversas passagens:

Em síntese, parece-nos possível considerar a experiência operária, a experiência que nos interessa, como um processo contínuo de reapropriação de modelos, como momento fundamental de uma dialética entre consciência individual e consciência social, na qual a consciência corresponde justamente à identificação de problemas, a partir do problema da relação com a máquina, passando gradativamente a problemas de nível superior. Esses níveis têm, em nossa opinião, e devem ter, uma relação com grupos de homens reais: do indivíduo ao pequeno grupo, o grupo homogêneo que vive face a face nas mesmas condições, ao grupo de seção, ao grupo de oficina, ao grupo de fábrica, ao grupo de setor, à classe, à sociedade (p. 283).

O que pode ser colocado em discussão são as formas e dinâmicas precisas dessa “dialética” entre consciência individual e consciência social. A transição da classe em si para a classe para si não se dá de forma imediata em uma sociedade baseada na exploração do trabalho que, para funcionar, exige que a consciência dos indivíduos seja de algum modo deformada, alienada (ou melhor, adaptada à forma de exploração). Asa Laurell, desde os anos 1980, sem desconhecer as importantes contribuições do modelo operário para construir uma epidemiologia social, fez diversas observações críticas sobre a relação entre consciência imediata no plano individual, do pequeno grupo, e consciência social e coletiva e as mediações necessárias pela teorização das descrições da experiência e por conhecimentos e teorias produzidas em outras instâncias, o que implica pensar relações diversas entre especialistas e trabalhadores (Laurell, 1984; Laurell & Noriega, 1989).

Faz parte do ponto anterior a possibilidade de reapropriação do “modelo taylorista”, inclusive das técnicas de MTM (estudos de tempos e movimentos). Essas ressalvas em relação aos modelos da OCT foram formuladas, de forma semelhante, por Laurell em relação à reapropriação de modelos técnicos em geral, sejam os de médicos, ergonômicos ou engenheiros industriais:

---

<sup>6</sup> Theureau (2014) denomina esses processos cognitivos presentes no curso da ação de “consciência pré-reflexiva”.

Isso revela uma concepção instrumentalista da ciência, para a qual seu conteúdo é neutro, e o que importa é quem controla o seu uso social. Curiosamente, esta visão da ciência se contrapõe àquela expressa no Modelo Operário, com relação à tecnologia, pois tem como premissa que as opções tecnológicas são opções de classe. O haver adotado um olhar, finalmente, médico ou ergonômico, introduz pontos cegos, também no olhar operário, e conduz à exploração da fábrica numa determinada direção. Assim, tende a desvirtuar a proposta metodológica. A colocar-se num horizonte de visibilidade diferente, através da recuperação da subjetividade operária. Ou seja, contém uma contradição, pois ao mesmo tempo que se enfatiza a potencialidade da subjetividade-experiência operária de revelar a realidade de um modo diferente da ciência formal, ordena a experiência no mesmo molde desta (Laurell & Noriega, 1989, p. 87).

Sem assumir essa concepção de Laurell da ciência como estritamente capitalista – o que, a meu ver, deve ser analisado caso a caso, na medida em que o capital, de modo contraditório, ainda contribui ao desenvolvimento das forças produtivas sociais –, o questionamento cabe em relação aos modelos tayloristas de organização do trabalho, sobretudo às técnicas de estudo de tempos e movimentos (MTM)<sup>7</sup>. Resta, no entanto, a questão de como e quando se dá essa ruptura em relação aos modelos tayloristas e que armadilhas o uso das técnicas de MTM carrega para impedir uma efetiva apropriação pelos trabalhadores de modo a favorecer o reconhecimento da experiência individual e coletiva. Os processos dessa apropriação dos métodos tayloristas ainda são obscuros na obra, sem que sejam tratados os riscos de se perder o que é vital na experiência e na subjetividade ao tentar expressá-las no tempo do relógio.

A forma como a avaliação de riscos foi institucionalizada no Brasil na forma do Mapa de Riscos, reduzido a um cartaz fixado nas paredes que ninguém mais enxerga, mostra bem o quanto as contribuições do Modelo Operário podem ser desnaturadas na relação com a ciência dominante. Uma ciência baseada na experiência do trabalho deve produzir novos conhecimentos, se servir de métodos diferentes, de critérios de objetividade que não excluam a subjetividade e de novas práticas de transformação. No contato contraditório com a ciência dominante, essas diferenças específicas da experiência podem ser deformadas e impedidas de se manifestar.

Deriva diretamente daí a questão da relação entre *experts* científicos e os trabalhadores como *experts* do trabalho, seja para o desenvolvimento de outros modelos de organização do trabalho, seja para sustentar a proposta de “uma diferente modalidade de desenvolvimento da psicologia do trabalho como ciência que considera essencial uma relação dialética entre experiência operária, consciência de classe e psicologia do trabalho escrita” (Oddone et al., 2023, p. 15). Certamente, a proposta de uma comunidade científica ampliada, que assuma essa denominação ou não, tornou-se condição obrigatória para uma nova ciência do trabalho. No entanto, talvez por ser uma obra fundadora de uma abordagem ainda em germinação, falta explicitar e considerar as complexas mediações para dar conta da

---

<sup>7</sup> Como nos limitamos, aqui, à relação com a ergonomia, não tratarei dessa possível contradição em relação às ciências em geral. No entanto, diversas passagens do texto fornecem elementos para aprofundar o debate proposto por Laurell, não em termos de uma contradição inerente à obra, mas como um processo de desenvolvimento de modelos a partir da experiência que é, em si mesmo, um desenvolvimento gradual e contínuo, que parte da ciência formal existente, mas para promover sua transformação em um novo paradigma, donde as referências a Kuhn e ao descortinamento de uma outra psicologia do trabalho ainda a desenvolver. Precisamente porque se trata de contradições objetivas, essas ambivalências estão sempre presentes nos processos de transformação social e resistem a análises dicotômicas capital x trabalho.

“fetichização” da ciência causada pela divisão social do trabalho e criar condições de cooperação entre especialistas e trabalhadores.

Também na ergonomia, vários outros autores sustentaram que a “globalidade” só pode ser respeitada e alcançada se os trabalhadores participarem em todas as fases da intervenção ou estudo (Theureau, 1974; Tort, 1974), o que os aproxima, *avant la lettre*, do processo de produção da ciência através de uma “comunidade científica ampliada”. Desde então, a ergonomia tem demonstrado a importância desta participação para a produção e validação do conhecimento. Contudo, o conhecimento produzido (ou representações operatórias) é sempre parcial, pelo que esta validação ainda permanecerá sob a influência de outras formas de consciência do trabalhador, nem sempre precisas. A experiência do trabalhador é, na maioria das vezes, capaz de compreender diretamente os determinantes da vida no trabalho, em especial dos processos de alienação, mas a consciência dos trabalhadores é moldada em parte por esses mesmos determinantes, num processo complexo que deve ser compreendido teoricamente (Laurell, 1984). A consciência e a personalidade dos trabalhadores não se colocam, portanto, espontaneamente, como a instância última e definitiva de constituição da ciência do trabalho. Essas contradições ainda estão longe de serem resolvidas pelo apelo à “participação” ou à “experiência”.

## O que permanece atual

Finalmente, o que, ainda assumindo os limites da ergonomia, torna *Experiência operária* uma obra atual? Destacamos, aqui, seis pontos: (i) o desenvolvimento da experiência e a aprendizagem dos gestos profissionais; (ii) o jogo de forças sociais envolvendo qualquer problema do trabalho, por menor que seja, que revela contradições objetivas que opõem atores sociais divididos em classes; (iii) o alargamento progressivo do campo de ação dos trabalhadores, em paralelo com as necessidades vividas e a tomada de consciência; (iv) uma “concepção global do homem” que necessariamente deve mediar as relações entre a prática científica e a experiência prática dos trabalhadores; (v) a comunidade científica ampliada e (vi) a efetivação de uma abordagem multidisciplinar.

Todos esses aspectos positivos já foram mencionados anteriormente e são amplamente reconhecidos por aqueles que se inspiram na obra de Oddone, mesmo quando fazem uma apropriação crítica como é o caso de Laurell. Não cabe, aqui, repetir em detalhe o que surpreenderá mais de um ergonomista ao ler *Experiência operária*, mas apenas justificar brevemente a atualidade desses diversos pontos.

Ao resgatar a experiência acumulada pelos indivíduos e coletivos ao longo das histórias de vida e da vida no trabalho, o processo de desenvolvimento da experiência e a aprendizagem ocupam um grande espaço em *Experiência operária*. Quem estuda a aprendizagem em situação de trabalho encontrará nessa obra ricas descrições dos arranjos desenvolvidos pelos grupos de trabalhadores para acolher os novatos e repassar a experiência acumulada nas astúcias e nos gestos profissionais habilidosos. Evidentemente, avançamos muito nos detalhes de como organizar a relação mestre-aprendiz, mas um conhecimento mais amplo dos processos de aprendizagem dentro do mundo industrial fartamente descritos em *Experiência operária* teria evitado a negação desse modelo de aprendizagem que apenas agora começa a ser resgatado do preconceito que o relegou ao mundo artesanal.

*Experiência operária* deve ser lido com cuidado para se perceber o jogo social envolvendo qualquer questão ou problema do cotidiano do trabalho, como revelador de contradições objetivas que opõem atores sociais divididos em classes. O jogo entre o técnico e o político pode nos ensinar muito a transitar dos problemas microscópicos às grandes questões políticas e sociais, sem cair nas estratégias partidárias de dominação e poder, presentes mesmo nas lutas sindicais. Possivelmente, as figuras dos delegados e sua presença no cotidiano do trabalho, que nos legou os relatos tão sensíveis e plenos de inteligência na relação com o outro, não serão repetidas nas lutas sindicais, mas há algo de perene na relação entre experiência direta e luta social mais ampla. Nas palavras de Cesare C.:

Na disputa fictícia entre contestadores “técnicos” e “políticos”, eu, pessoalmente, tomei posição a favor dos técnicos, porque considerava, e considero, indispensável conhecer todos os aspectos inerentes ao trabalho, seja de natureza humana (infortúnios, fadiga, monotonia, repetitividade, parcelização, desqualificação etc.), tecnológica (conhecimento dos meios de produção, organização do trabalho, conhecimento específico do produto etc.) ou matemática (cálculos, critérios de determinação dos tempos, sistemas em uso: MTM, TMC, FR etc.) (Oddone et al., 2023, pp. 229-230).

Se essa tensão permanente entre o “técnico” e o “político” (ou o social, mais propriamente dito) tivesse se ampliado como estratégia hegemônica nas lutas e sido preservada, certamente o balanço feito por Bruno Trentin (*La cité du travail*) das políticas de esquerda durante o século XX, que reiteradamente se esqueceram do trabalho, teria sido outro.

Guarda também pertinência atual a articulação entre o cotidiano do trabalho e as questões mais amplas de transformação social. Ainda que as mediações não tenham sido discutidas em detalhe, como comentamos acima, as proposições de *Experiência operária* constituem um quadro a ser confrontado com o debate atual sobre a centralidade do trabalho e a relação entre democracia no trabalho e democracia social (Coutrot, 2018; Cukier, 2018) ao evidenciar o alargamento progressivo do campo de ação dos trabalhadores, em paralelo com as necessidades vividas e a tomada de consciência. Isto implica não só alargar o campo dos constrangimentos e das exigências a se considerar na “resolução de problemas” práticos do trabalho, e dos meios necessários para esse fim, mas uma “transformação” de objetivos e dos próprios problemas que passam progressivamente da tarefa à organização do trabalho, à gestão da empresa e à organização social. Isso pode nos ajudar a entender por que as experiências sociotécnicas (modelo escandinavo de organização do trabalho) não se desenvolveram e também a evitar recaídas ingênuas nas manipulações gestionárias (atualmente, as empresas ditas “liberadas”), ou problematizar as propostas, menos ingênuas, mas igualmente pouco efetivas, de cooperação dentro de estruturas hierárquicas de poder. Pensamos, aqui, em um amplo leque de intervenções que procuram ampliar os espaços de participação dentro das organizações, como a “empresa deliberada” (Detchessahar, 2019), que propõe recolocar o trabalho real no centro do debate organizacional, que também inspira abordagens na ergonomia, como os espaços de debate sobre o trabalho (EDT), e mesmo intervenções centradas no trabalho “bem-feito” da clínica da atividade (Clot, 2021a; Clot, 2021b). A relação entre trabalho e política é também discutida na psicodinâmica do trabalho, com base nos processos de sublimação (Dejours, 2021) e na atividade deôntica interpares (Dejours, 2013). Em todos esses casos, as transições entre o cotidiano do trabalho e os planos

organizacionais e propriamente sociais e político-econômicos ganhariam mais consistência se se confrontassem com as proposições presentes em *Experiência operária*.

Parece-nos também ser uma contribuição duradoura o modo como Oddone e colaboradores constroem as relações entre a prática científica e a experiência prática dos trabalhadores, que devem passar por um duplo crivo: por uma “concepção global do homem”, de forma a evitar qualquer divisão disciplinar arbitrária, e pela “consciência e experiência dos trabalhadores”, depositárias da validação, em última instância, do conhecimento produzido. Isso deve ser lembrado para evidenciar os limites das abordagens disciplinares a mudanças técnicas e as deformações das intervenções monodisciplinares estendidas ao plano social. As intervenções em situações de trabalho, na medida em que se confrontam com a complexidade do social, mesmo quando tratam de questões locais imediatas, não deveriam ser conduzidas apenas nos limites de uma disciplina, levando a adjetivações como “intervenção ergonômica”, “intervenção psicossociológica”, “intervenção em clínica da atividade” ou “intervenção em psicodinâmica” etc. A rigor, a menos que se limitem a resolver problemas técnicos específicos, quando se tenta articular técnica e política como acontece em *Experiência operária*, as intervenções deixam de ser orientadas por uma só abordagem e devem mobilizar conhecimentos e estratégias de diferentes disciplinas<sup>8</sup>. E ainda, essa “concepção global do homem”, que pressupõe a luta contra a alienação do trabalho e todas as formas de poder que impedem o desenvolvimento dos trabalhadores, somente pode ser mantida se “a consciência e a experiência dos trabalhadores” permanecem como instância de validação prática dos conhecimentos e proposições de transformação.

Isso nos leva ao quinto ponto, que é amplamente reconhecido por quem reivindica a herança de Oddone: a proposição de uma comunidade científica ampliada onde uma nova forma de ciência possa ser produzida, no encontro entre especialistas e trabalhadores.

Para nós, essas são as características essenciais do processo de reapropriação, que não comporta somente a reapropriação dos modelos científicos, mas o encontro e o desencontro com os intelectuais (isto é, com os detentores desses modelos), e cada vez mais a criação de vínculos, que não são apenas de solidariedade de classe, mas que tendem a se tornar algo diferente – a saber, novas comunidades científicas. Talvez seja este o caminho adequado para superar as especializações, caminho que a ciência burguesa tem repetidamente buscado no plano teórico (Oddone et al., 2023, p. 286).

Essa proposição de uma comunidade científica ampliada tem sido teorizada sobretudo por Yves Schwartz, no quadro da ergologia (Schwartz, 2000). Esse encontro entre saberes diferentes vem sendo proposto também em outros campos, na esteira da crítica ao cientificismo moderno, na “ecologia de saberes” de Boaventura Santos (ver Santos et al., 2006) e na “ecologia de práticas” por Isabelle Stengers (2018), noções ainda teóricas que podem encontrar em *Experiência operária* alguns avanços práticos.

A ciência, tanto da natureza quanto as sociais, desenvolve-se simultaneamente com a divisão social do trabalho entre *experts* e leigos. A principal contribuição de *Experiência operária* é colocar em questão a pertinência dessa separação dicotômica entre conhecimento científico e saber cotidiano no âmbito do trabalho, que ao mesmo tempo reflete e produz a

---

<sup>8</sup> Christian du Tertre acentua com frequência essa concepção da intervenção para desenvolver projetos no quadro da economia da funcionalidade e da cooperação, colocada em prática no Laboratório de Intervenção e Pesquisa criado juntamente com François Hubault, associando economistas, psicólogos e ergonomistas (ver Dejours e Du Tertre, 2015).

divisão social do trabalho entre especialistas e trabalhadores, entre prescritores e executores. Em diversos campos do conhecimento e práticas de intervenção social, essa polarização extrema é colocada em questão, a partir de críticas epistemológicas sobre a natureza do conhecimento e as condições sociais de sua produção. A crítica pós-moderna às ciências da natureza, às ciências sociais e à tecnologia, contestando a superioridade autoproclamada da ciência, é apenas a parte mais visível e midiática de uma tendência social bem mais ampla, com raízes em movimentos sociais e nos estudos sociais do trabalho e da técnica, dos quais *Experiência operária* é um dos principais precursores.

A crítica teórica, no entanto, apenas dá forma e expressão à contestação prática, que se manifesta em diversas situações, quer no âmbito do trabalho e da produção material, quer na esfera da reprodução, indicando as bases ontológicas efetivas de como conhecimento científico e saber cotidiano podem se desenvolver de forma mais equilibrada, ainda que se reconheçam diferenças e especificidades. Ao contrário de críticas pós-modernistas extremistas, que eliminam essas diferenças, tornando todas as formas de conhecimento equivalentes, é mais enriquecedor procurar a fertilização recíproca de conhecimentos especializados e saberes práticos, cotidianos, instituindo dispositivos sociais que permitam a cooperação entre especialistas e “leigos”. As proposições de Oddone foram desenvolvidas e teorizadas no que Schwartz denomina de dispositivo dinâmico a três polos (DD3P) (Schwartz, 2004). Como sustentamos em outra ocasião:

somente a experiência do trabalho, dada sua natureza totalizante e global, pois todas as determinações estão presentes na situação de trabalho, assim como o indivíduo que trabalha aí se apresenta como um todo indivisível<sup>9</sup>, possui força de atração suficiente para operar as sínteses entre conhecimentos dispersos e exercer um controle ontológico sobre as disciplinas especializadas e seus inevitáveis vieses epistemológicos. O elemento catalisador da produção desse conhecimento totalizante é, paradoxalmente, o desconhecimento do trabalho (Lima, 2007).

Como os conhecimentos disciplinares são sempre parciais, a tentativa de reconstituir a totalidade do real a partir de uma integração epistemológica qualquer será sempre lacunar e sujeita a estabelecer relações e conexões arbitrárias ou especulativas. Não é o que se conhece que permite fazer a tessitura multidisciplinar, mas sim o que é desconhecido.

Para encerrar essas breves reflexões, gostaria de reafirmar as condições para que um trabalho trans/pluri/multidisciplinar<sup>10</sup> possa ser eficaz, tal como exigido por assuntos de tamanha complexidade como o trabalho. Pode-se mesmo afirmar que o conhecimento do trabalho é impossível sem projetos dessa natureza, portanto, que a ciência do trabalho não pode avançar sem cooperar com a experiência dos trabalhadores. A necessidade posta pelo objeto é que leva a reinventar projetos que não foram bem-sucedidos. No entanto, para que

---

<sup>9</sup> “E o trabalhador mantém-se como um ser total, a despeito dos modelos de racionalização do trabalho que insiste em transformá-lo em diversos tipos de máquinas, físicas, cognitivas ou afetivas, isolando o corpo, a mente e as emoções uns dos outros, segundo o que predomina na tarefa a ser realizada. Em todos os casos, corpo, pensamento e afetos são isolados das redes de sociabilidade que unem os homens. Por indivíduo, dever-se-ia, precisamente, entender esta individualidade social que integra, de modo indivisível (as separações ilegítimas justificam a redundância), corpo, cognição e afetos” (Lima, 2007).

<sup>10</sup> “A imprecisão conceitual que mistura trans-, multi- e pluridisciplinar é proposital. Assumir esse jogo de diferenciação nos leva a peripécias puramente conceituais, com diferenciais operadas segundo critérios epistemológicos, fechados no campo das ciências, portanto aquém dos dispositivos tripolares que integram a experiência dos sujeitos/objetos de conhecimento. Usamos esses três termos como se fossem intercambiáveis, na medida em que todos eles padecem da mesma insuficiência: são arranjos conceituais para superar barreiras disciplinares sem convocar um terceiro termo – no caso das ciências sociais, a experiência dos próprios agentes sociais” (Lima, 2007).

essas deficiências possam ser superadas é necessário contrapor ao viés epistemológico das sínteses disciplinares, a força de convocação da experiência do trabalho. Isso exige que os dispositivos tripolares assumam um reposicionamento ontológico, criando condições para que a força do sujeito/objeto possa operar tanto para desestabilizar conhecimentos estabelecidos quanto para forçar a síntese de novos conceitos e conhecimentos. O que se separou pela obra do conhecimento disciplinar, somente pode ser reunificado por obra da própria realidade a ser desvendada.

Apesar de valorizada discursivamente, a multidisciplinaridade – que esteve na origem de disciplinas como a ergonomia (ver Cazamian, 1973) – é, hoje, desconsiderada na prática, com o desenvolvimento de cada disciplina. Ironicamente esse retorno do disciplinar é refletido na apropriação da obra de Oddone pela ergonomia, psicologia do trabalho e ergologia, de forma separada ou disciplinar... Quiçá os debates que certamente correrão em torno de *Experiência operária* permitam retomar em bases mais efetivas a necessária construção de uma cooperação entre as disciplinas do trabalho.

## Referências

- Cazamian, P. (1973). *Leçons d'ergonomie industrielle: une approche globale*. Editions Cujas.
- Clot, Y. (2006). *A função psicológica do trabalho*. Vozes.
- Clot, Y. (2021a). *Le prix du travail bien fait*. La Découverte.
- Clot, Y. (2021b). *Éthique et travail collectif*. Érès.
- Coutrot, T. (2018). *Libérer le travail*. Seuil.
- Cukier, A. (2018). *Le travail démocratique*. PUF.
- Dejours, C. (2013). *Le travail vivant* (Vol. 2). Payot & Rivages.
- Dejours, C. (2021). *Ce qu'il y a de meilleur en nous. Travailler et honorer la vie*. Payot.
- Dejours, C., & Du Tertre, C. (2015). Le temps du changement. In: C. Dejours (Org.), *Le choix: souffrir au travail n'est pas une fatalité*. Bayard.
- Detchessahar, M. (2019). *L'entreprise délibérée*. Nouvelle Cité.
- Laurell, A. C. (1984). Ciencia y experiencia obrera: la lucha por la salud en Italia. *Cuadernos Políticos*, 41, 63-83.
- Laurell, A. C., & Noriega, M. (1989). *Processo de produção e saúde*. Hucitec.
- Lima, F. P. A. (2007). Das condições de produção de um saber interdisciplinar: a função da experiência do trabalho. In: D. M. Cunha (Org.), *Trabalho: minas de saberes e valores*. NETE/FAE/UFMG.
- Oddone, I., Re, A., & Briante, G. (2023). *Experiência operária, consciência de classe e psicologia do trabalho*. Fabrefactum.
- Oddone, I., Marri, G., Gloria, S., Briante, G., Chiattella, M., & Re, A. (2020). *Ambiente de trabalho: a luta dos trabalhadores pela saúde*. Hucitec.
- Ombredane, A., & Faverge, J. M. (1955). *L'analyse du travail*. PUF.
- Santos, B. D. S., Meneses, M. P. G., & Nunes, J. A. (2006). Conhecimento e transformação social: por uma ecologia de saberes. *Hiléia: revista de direito ambiental da Amazônia*, 4 (6), 9-103.
- Schwartz, Y. (2000). A comunidade científica ampliada e o regime de produção de saberes. *Trabalho & educação*, 7, 38-46.

- Schwartz, Y. (2004). Ergonomia, filosofia e exterritorialidade. In F. Daniellou (Coord.), *A ergonomia em busca de seus princípios: debates epistemológicos*. Edgar Blücher.
- Stengers, I. (2018). A proposição cosmopolítica. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 69, 442-464.
- Theureau, J. (1974). *Méthodes et critères de l'aménagement ergonomique du travail industriel*. Ed. CNAM.
- Theureau, J. (2014). *O curso da ação: método elementar. Ensaio de antropologia enativa e ergonomia de concepção*. Fabrefactum.
- Tort, B. (1974). *Bilan de l'apport de la recherche scientifique à l'amélioration des conditions de travail*. Ed. CNAM.

**Endereço para correspondência:**

fpalima@ufmg.br

Recebido em: 28/11/2023

Aprovado em: 01/03/2024

